



GRAÇAS DO  
PADRE CRUZ SJ

## PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

*Pai Nosso, Avé Maria e Glória.*

*Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!*

### Oração

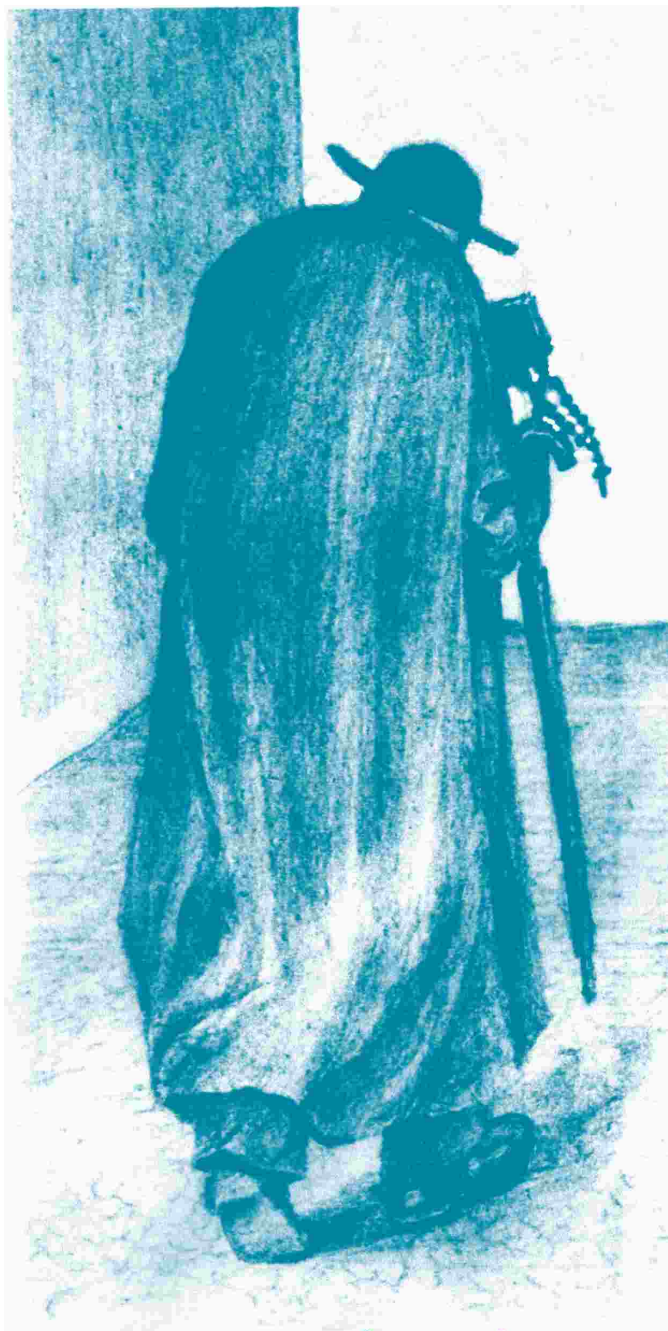
Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

**Nota:** Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



# Índice :

A Simplicidade do Evangelho.....	pág. 99
A Virgem, a Salvação e a Igreja .....	pág. 100
O Dom da Paz .....	pág. 103
O Padre Cruz e Fátima.....	pág. 104
Imaculada Conceção de Maria .....	pág. 108
Milagres .....	pág. 109
Os Dons de Deus .....	pág. 112
Mensagens de Natal.....	pág. 116
Testemunhos.....	pág. 117
Deram Esmola e agradecem Graças.....	pág. 122



## A SIMPLICIDADE DO EVANGELHO

**N**um filme sobre S. Filipe de Néri, um dos seus discípulos, um menino da rua que ele conseguiu recuperar e formar, tendo chegado mesmo a fazer o doutoramento em teologia, pergunta-lhe um dia: Padre Filipe, porque é tão difícil viver o Evangelho? Porque é simples, respondeu o Santo. S. Filipe de Néri prefere o paraíso a qualquer outra realidade e esta preferência, que marca toda a sua vida, leva-o a uma vida tão intensa no plano da experiência de Deus, que o faz exclamar a certa altura: não posso mais, o meu coração não aguenta tanta intensidade de amor. Ao morrer, os seus discípulos e filhos espirituais notaram que o seu peito se tinha dilatado, porque o coração aumentara de volume, tal fora a intensidade de amor deste tão grande santo, que praticou a simplicidade do Evangelho, que, porque é tão simples, por isso mesmo é tão difícil de viver.

Porque estamos em outubro, mês do Rosário, gostaria de chamar a atenção para a simplicidade da mensagem de Fátima e para a dificuldade que muitos têm em aceitá-la e em vivê-la. Pensemos em dois pontos da mensagem, que transmitem dois desejos de Nossa Senhora: a recitação diária do terço e a consagração dos primeiros sábados, em reparação dos pecados e como forma de consolar o Coração Imaculado de Maria, que nos convida a consolar Deus e a reparar os pecados cometidos contra o Coração de Jesus. E prometeu a quem rezasse o terço todos os dias e fizesse os primeiros sábados (e eu acrescento: as primeiras sextas-feiras de cada mês em espírito de amor e de reparação) que estaria com ele na hora de maior solidão que é, seguramente, a hora da morte!

O Papa João Paulo II disse que a terço, sendo a oração dos simples, é o caminho mais curto para chegar a Deus e só o consegue rezar quem for capaz de amar.

Tudo tão simples, que até custa a acreditar que seja verdade. Mas é esta simplicidade do Evangelho, que a Mãe de Deus nos recordou em Fátima, que hoje somos convidados a viver.

*Pe. José Jacinto de Farias, scj*



## A Virgem, a Salvação e a Igreja

**A**proveitando o facto de outubro ser o mês dedicado ao Rosário, é oportuno meditar sobre alguns aspetos do papel da Virgem na história da salvação e na Igreja de Cristo.

Desde o princípio, Deus pensou na Virgem Maria em função do seu desígnio de salvar a humanidade, desposando a nossa natureza em Jesus Cristo. Quando o homem caiu, ele nos abriu uma promessa de esperança, e nessa promessa, já estava presente a Virgem Maria: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15). Esta mulher é aquela a quem Jesus se refere como “mulher” em Caná e aos pés da cruz (cf. Jo 2,4; 19,26); é aquela de quem diz o Apóstolo: “Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher...” (Gl 4,4). Esta mulher fora prenunciada pelos profetas de Israel, sempre ligada à vinda do Messias, que traria a bênção da salvação: “Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14); “Mas tu, Belém..., de ti sairá Aquele que será Dominador em Israel... Por isso ele os abandonará até o tempo em que a Parturiente dará à luz (Mq 5,1s). O centro de nossa salvação e de nossa esperança é e sempre foi o Messias, o Cristo-Salvador. Mas, no desígnio do Senhor Deus, aparece no centro, que é Cristo, a figura dessa Mulher, ao mesmo tempo Virgem e Parturiente. Ela não é o Centro, mas está no Centro, porque está no Cristo, em função dele e de sua missão salvadora.

É assim que Nossa Senhora aparece no Evangelho. Escolhida em Cristo antes da fundação do mundo (cf. Ef 1,4s), ela foi por Deus



preservada da contaminação do pecado que marca a nossa raça. Por isso o anjo, ao dirigir-se a ela, deu-lhe o nome com o qual Deus a conhece desde toda a eternidade: Toda-agraciada: “Alegra-te, ó Toda-Agraciada, ó Toda-inundada-pela-Graça” ( Lc 1,27). É assim que Gabriel a chamou, é este o nome da Virgem porque é isto que Deus fez nela: unicamente pela graça da paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus, a Virgem foi, por antecipação, libertada de todo o pecado. Como diz a fé da Igreja: “Puríssima, na verdade, devia ser a Virgem que nos daria o Salvador, o Cordeiro sem mancha, que tira os nossos pecados”. Como diz ela própria, cheia de júbilo: “O Todo-Poderoso fez grandes coisas em mim!” (Lc 1,49). Foi assim que a Virgem concebeu e deu à luz o nosso Salvador, o Cristo-Deus. Mas, no plano do Pai, esta maternidade da Virgem – sempre Virgem: Virgem concebeu e Virgem deu à luz (cf. Is 7,14) – não deveria ficar somente no pleno biológico, mas também estender-se ao plano da graça. Por isso, Jesus foi educando a sua Mãe para que passasse, pouco a pouco, da maternidade segundo a carne para a maternidade segundo o Espírito de Deus: “O que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3,6). Foi um processo doloroso. Por isso mesmo, o Concílio Vaticano II diz que ela “peregrinou no caminho da fé” (LG 58). Já provada nesse caminho, ela, que sempre esteve unida ao seu Filho, apareceu pobre, madura e fidelíssima ao pé da cruz: “Conservou fielmente a união com o seu Filho até à cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (cf. Jo 19,25); sofreu profundamente com o seu Unigénito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado...” (LG 58). Vale a pena aprofundar um pouco o sentido da presença de Maria ao pé da cruz. Aqui, não se trata de uma simples cena doméstica, de intimidade familiar. Os personagens são: o Cristo, a Mulher e o Discípulo Amado. A Mulher é a Virgem, aquela do Génesis, da inimizade com a serpente, cuja Descendência esmagará a cabeça da serpente; o Discípulo Amado é cada cristão, cada discípulo pelo qual Jesus deu a vida, é a própria Igreja, comunidade dos discípulos amados. Pois bem, de modo



surpreendente, o Cristo entrega seus discípulos e cada discípulo aos cuidados da Mulher: “Mulher, eis o teu filho” (Jo 19,26). Ela deverá cuidar maternalmente de cada discípulo de Jesus. Ela, que segundo a carne, dera à luz o Cristo, Cabeça da Igreja, agora vai dar à luz segundo o Espírito que Jesus vai entregar na cruz (cf. Jo 19,30), ao Corpo, que é a Igreja. Depois, Jesus volta-se para o Discípulo – cada discípulo – e confia: “Eis a tua Mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa” (Jo 19,27). É impressionante: Jesus não somente nos dá por filhos à sua Mãe, mas também dá a cada discípulo seu a graça de tomar a Virgem por Mãe e levá-la para a casa de sua vida. É muito significativo o modo como o Evangelho se exprime: “A partir dessa hora...” que hora? A hora da Páscoa, a hora de Jesus: “Pai, chegou a hora...” (Jo 17,1) A Virgem como Mãe da Igreja e Mãe de cada discípulo amado por Jesus é um dos frutos da Hora, da Páscoa de Cristo! Somente porque Jesus morreu e ressuscitou por nós, somente porque nos deu o seu Espírito, aquele Espírito que, ao inclinar a cabeça, entregou na cruz (cf. Jo 19,27), é que nós temos a graça e a honra de levar para nossa casa, a casa de nossa vida, a Virgem-Mãe de Jesus como nossa Mãe.

É esta mesma Virgem-Mãe que aparece em oração com a Igreja nos Atos dos Apóstolos (cf. At 1,14), simbolicamente, aparece como a Mulher plenamente gloriosa no céu, mas em dores de parto, envolvida no combate à antiga serpente do Génesis. Esta Mulher é ao mesmo tempo a Virgem Maria e a Virgem Igreja, pois uma é imagem da outra, como já ensinavam os antigos doutores da Igreja.

Assim sendo, “a Mãe de Deus é a figura da Igreja na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. De fato, no mistério da Igreja, a qual também se chama com razão virgem e mãe, o primeiro lugar pertence à bem-aventurada Virgem Maria, por ser, de modo eminente e singular, exemplo de virgem e mãe” (LG 63). Por tudo isso, a Igreja volta-se para a Virgem Maria como seu exemplo, seu modelo, sua Mãe de fiel intercessora e a ela se confia.





## O Dom da Paz



**N**o Sermão da Montanha, é a sétima bem-aventurança: “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”. Quem são os pacíficos? Os que estão em contacto com a paz. Se você tiver esse canal aberto, você não vai ser um violento. E quem tem a paz? Quem põe a sua confiança em Deus. A violência nasce da agitação interior. Mas se nos colocamos nas mãos de Deus, por que razão seríamos violentos? Por que teríamos ódio? Daí o grande Salmo, que é o salmo da paz: “O Senhor é o meu pastor, nada me pode faltar ...”

É a paz que o Cristo prometeu: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz ...” Esse era o fundo do coração de Cristo. Lá no fundo, estava a paz (ninguém pode dar o que não tem!). A paz como repouso no Ser. Nós recebemos o Ser. Este é o milagre da existência - e sobretudo do ser humano, onde o dom da existência se combina com o da consciência. Sabemos que existimos; e é isso o que nos separa dos animais. Mas, por isso, também sabemos que morremos; a uma certa luz escura, a vida pode parecer uma corrida para a morte - o que, num certo sentido, ela é. Por isso é que a dádiva do Ser é só o começo de um caminho: para o ser humano, ela não vem completa, pronta, acabada (como é o caso dos animais). Há toda uma série de desafios até que finalmente desembarcamos no Ser. O encontro com o Sagrado é uma etapa importante nesse itinerário - porque o que chamamos de Sagrado, no fundo, é o mistério do Ser. Assim se dirigiu Javé a Moisés, no deserto, de dentro de uma sarça ardente: “Eu sou aquele que Sou!”



## *O Padre Cruz e Fátima*



**Q**uando os intelectuais descrentes, os literatos e os jornalistas progressistas expulsaram Dom Manuel II, esqueceram-se que Portugal, mesmo sem Rei, dependia duma coroa: a da Virgem Maria.

Já o primeiro Rei de Portugal consagrara o país a Nossa Senhora. Em 1646 essa consagração foi renovada. O Rei Dom João IV colocou a sua coroa aos pés da imagem da Imaculada em Vila Viçosa, e mandou que as cortes A venerassem como Rainha de Portugal. A Virgem Maria tinha exercido este poder na velha Lusitânia bastantes vezes no decorrer da sua história. A revolução de 1910 podia exilar o Rei, mas não tinha força para arrancar o cetro da Rainha dos Céus. Ela ia usar os Seus direitos reais, no momento em que as trevas da descrença e da ruína pareciam triunfar. A 13 de maio de 1917 afastou estas nuvens que pressagiavam tempestade, e prometeu a paz à Nação.



Já há vinte anos que o Padre Cruz vinha pregando o seu Evangelho de amor, aconselhando a penitência, mostrando a certeza de um futuro melhor.

A 5 de maio de 1917 um jovem padre do Porto publicou uma pequena poesia, em que pedia à Virgem Santíssima para visitar Portugal, como outrora visitara França, com a Sua aparição em Lourdes. José Alves Correia da Silva não pressentia que o seu pedido seria ouvido em poucos dias, e que ele próprio, como Bispo de Leiria, reconheceria oficialmente esta graça extraordinária para o país.

Enquanto os anticatólicos levantavam todos os obstáculos para aniquilar as consequências das aparições de Fátima, a Igreja não tomava qualquer atitude. Apenas o povo ia em peregrinações de milhares de pessoas à Cova da Iria, para ao menos poderem ver os rostos transfigurados das crianças nas quais a felicidade do paraíso se espelhava, quando falavam com Nossa Senhora.

Não nos admira encontrar já em julho de 1917 o Padre Cruz em Fátima. O venerando sacerdote tinha sido encarregado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa duma missão particular, que se destinava a interrogar as crianças. Em Fátima era conhecido, aliás como em todo o Portugal. Quando entrou nas modestas casas dos camponeses, as crianças não fugiram como acontecia na altura de outras visitas. Estas consideravam-nas mentirosas ou pelo menos enganadas pela própria fantasia. O pároco também não era muito simpático, quando falava com elas. Como muitos filhos da gente pobre, não eram brilhantes nas aulas de catecismo, porque a sua frequência era irregular e o pároco não podia compreender que a Rainha dos Céus pudesse visitar a sua modesta aldeia, e especialmente os seus fracos alunos.

Compreende-se que as crianças, com o terror que sentiam diante dos eclesiásticos, não estavam a vontade quando um sacerdote as interrogava. Mas com o Padre Cruz era diferente. Este nada tinha de inquisidor. O seu semblante amigável irradiava tanta bondade, que os



videntes imediatamente confiaram nele. O Padre Cruz não procedia como o pároco da aldeia, que os chamava mentirosos e os ameaçava com o Inferno, se não dissessem a verdade; ele não fazia perguntas desagradáveis, e não se impacientava quando eles, envergonhados, não sabiam responder a qualquer pergunta. Falava com eles, como alguém que visionava os segredos eclesiais. O místico sentia a verdade que as crianças inocentes afirmavam.

O Padre Cruz não ficou só pelo exame, pois avançou consideravelmente. Não lhe interessava provar apenas que os pequenos não eram mentirosos. O seu objetivo era tornar os videntes em santos, e ensinar-lhes a realizar a mensagem da Santíssima Virgem. Ensinou-lhes a rezar jaculatórias. Como se tratava de crianças pouco instruídas, repetia pequenas orações até as saberem de cor. Mostrou-lhes como nos mortificamos através de pequenas renúncias, e assim pomos em prática o pedido de Nossa Senhora. Cheio de entusiasmo falou-lhes da Sagrada Eucaristia. As crianças sentiam que ele não explicava só questões áridas do catecismo, mas que ensinava a sabedoria divina. A melhor fórmula que o Padre Cruz encontrou para transformar as crianças em santos foi o cumprimento das exigências de Fátima: oração e penitência pela conversão do mundo. O Anjo tinha-as preparado para a grandeza da sua missão e o Padre Cruz vinha explicá-la e indicar os caminhos para a sua realização.

A visita do Padre Cruz a Fátima teve, na verdade, uma certa importância histórica. Com o seu parecer contribuiu para que nos círculos católicos se começasse a considerar seriamente Fátima. A 8 de dezembro de 1917, Sidónio Pais tomou conta do poder, e restituiu à Igreja novamente os seus direitos. Os Bispos exilados voltaram e a perseguição religiosa acabou. Embora as forças revolucionárias conseguissem assassinar Sidónio Pais, o poder da onda jacobina ficara abalado. As aparições de Fátima trouxeram coragem aos católicos, porque passaram a sentir-se protegidos pela Virgem Maria. Os tíbios e os fracos reconheceram no milagre de 13 de outubro a confirmação



de que a Igreja ensinava a verdade e que os falsos profetas dos tempos modernos não tinham razão. Todo o movimento que desde alguns decénios aspirava conduzir a sociedade à desgraça foi sustido. Até então era opinião corrente que a Igreja cada vez era menos frequentada. Mas agora via-se florescer uma nova primavera de esperança cristã. Raiava um novo dia, que prometia um futuro melhor.



Por toda a parte onde o Padre Cruz pregou nos anos seguintes, falou do milagre de Fátima. No Centro do país não era difícil aceitar a autenticidade das aparições. As dez mil pessoas de Leiria, Torres Vedras, e Santarém não duvidavam dele. Não se podia convencer estes camponeses fiéis à Igreja, que tinham sonhado, ou que estavam embruxados, quando viram o milagre do sol. Mas as pessoas cultas de Coimbra, os políticos de Lisboa e do Porto, os sacerdotes de todo o país permaneciam céticos e procuravam explicar Fátima, no domínio oculto da credence popular.

Nestes círculos possuía o Padre Cruz influência suficiente para esclarecer os crentes e destruir as dúvidas. Havia naturalmente muitos intelectuais que negavam todos os fenómenos sobrenaturais. Mas os católicos verdadeiros, que tinham aprofundado o assunto, eram mais fáceis de convencer. Sabia-se que o virtuoso padre possuía um sexto-sentido» e que nas coisas divinas sabia distinguir o trigo do joio.

O Cardeal Patriarca de Lisboa duvidou durante muito tempo da autenticidade das aparições. Alguns Bispos pensavam de maneira semelhante. O Padre Cruz ajudou a afastar, a pouco e pouco, as reservas e assim a preparar o reconhecimento oficial de Fátima.



## Imaculada Conceção de Maria

A imaculada concepção é um dogma de fé promulgado pelo Papa Pio IX, em 1854 e celebra a ausência de pecado em Nossa Senhora. Na virgem de Nazaré, o Espírito de Deus operou o milagre da concepção virginal de Jesus Cristo e, o corpo sem pecado da jovem, passou a abrigar o Menino que iria se revelar ao mundo.

Em Maria não esteve presente o pecado porque Ela permitiu-se encher de Deus e engravidou física e espiritualmente. Repleta do Espírito, sem espaço para o pecado, imaculada.

A mancha do pecado não toca Maria porque toda sua vida foi voltada para Deus. Fazer a vontade do Pai era seu maior desejo e soube ler em Sua vida a revelação dos mistérios de Deus à humanidade. Em Maria a experiência de viver para servir a Deus é tão plenamente vivida que não deixará espaço para o mal tocar seu coração.

Humana, viveu esta condição como filha, esposa e mãe e, assim, experimentou toda a sorte de sentimentos que uma mulher pode experimentar. Por isso, compadece-se da humanidade e toma todos os homens e mulheres como filhos queridos, pelos quais sempre estará disposta a interceder. E, nesta condição, viveu a experiência maior de Deus uma vez que tal era seu amor pelo Pai que não permitiu viver senão no amor, recusando-se ao pecado.

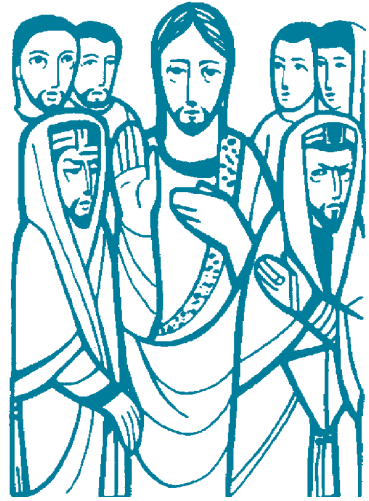
A festa da Imaculada Conceição, celebrada a 8 de dezembro, acontece, neste ano, durante a primeira semana do Advento, tempo em que os fiéis são convidados à revisão de vida e à conversão.

Que a celebração dessa grande festa da Igreja reacenda em nossos corações o desejo de também nos voltarmos cada vez mais para Deus, expulsando para sempre o pecado de nossas vidas, esforçando-nos para viver no amor e no serviço aos irmãos, como o “Santo” Padre Cruz.

Textos para reflexão: Ef 1, 3-12 / Lc 1, 26-38



## Milagres



### Nem voltando do inferno

**P**odemos, concluir, depois de lermos os Santos Evangelhos, que os milagres realizados por Jesus não deviam ter tão espetaculares nem causar tanto impacto, senão toda a gente ficaria obrigada a crer n'Ele e a aceitá-lo. Assim, quando Jesus curou certa mulher encurvada, o chefe da sinagoga, em vez de ficar estupefacto por tal prodígio, incomodou-se por Jesus a ter curado num sábado (Lc 13,14). Quer dizer que não o impressionou tanto aquele facto e que lhe pareceu natural; só lhe disse que deveria tê-lo realizado noutra dia da semana.

O mesmo sucedeu quando curou um cego de nascimento: os fariseus, em vez de se maravilharem por algo nunca visto, dizem ao cego que «esse homem não vem de Deus, pois não guarda o sábado» (Jo 9,16). E quando Jesus exorcizou um endemoninhado surdo e mudo, o Evangelho diz que os fariseus não acreditaram n'Ele pois eles também podiam fazer o mesmo (Mt 12,27).



Portanto, os milagres que Jesus fazia não deveriam ter comovido a todos de igual modo, mas só os que tinham fé n'Ele; os outros não os viam como tais.

Tanto assim que, na parábola do rico epulão e do pobre Lázaro, Jesus diz que, quando o rico pede a Abraão que deixe Lázaro voltar à terra para pregar sobre o inferno, Abraão responde-lhe: «Se não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, tão-pouco se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dentre os mortos» (Lc 16,31). E assim, Jesus tirou espetacularidade aos próprios milagres de ressurreição que Ele mesmo fazia, colocando acima deles o poder da pregação.

Poderíamos imaginar que os sinais e prodígios que Jesus realizava não deveriam ser muito diferentes dos que hoje sucedem nalgumas das nossas comunidades, grupos ou reuniões de oração. De repente, alguém com paralisia começa a caminhar ou a mover alguma parte do seu corpo, ou algum mudo começa a falar. Os que têm fé descobrem nisso um milagre; os que não a têm, procuram explicá-lo de outro modo.

## Milagres a descobrir

**D**o grande pensador e filósofo francês Blaise Pascal, conta-se que, certo dia, se encontrou com um amigo num castelo, no cimo de uma colina. Após algum tempo de espera, o amigo chegou com o rosto desfigurado, a roupa rota e o corpo cheio de nódoas e feridas.

- O que é que te aconteceu? — perguntou Pascal.

- Não imaginas o milagre que Deus acaba de me fazer! - respondeu o amigo. Quando vinha para cá, o meu cavalo resvalou perto de uma ravina. Eu caí, fui rolando e resvalando, mas detive-me exatamente na borda do precipício. Imaginas? Que milagre Deus acaba de me fazer!

Ao que Pascal retorquiu:





- E o milagre que Deus acaba de me fazer a mim? Ao vir para cá, nem sequer caí do cavalo!

Quantos milagres Deus nos faz cada dia! Milagres que nunca vemos, e de que nem nos chegamos a dar conta. Quantas vezes, na nossa vida, nos tirou assombrosamente de dificuldades, nos livrou de medos e angústias, nos socorreu nos maus momentos, nos fez transpor, ilesos, tantos perigos, nos assistiu nas desgraças diárias, nos proporcionou o necessário no momento exato, nos disponibilizou a companhia de certas pessoas.

Mas não nos apercebemos, porque nos parecem demasiado “naturais”. Esperamos sempre os outros milagres: os inexplicáveis, os antinaturais, os incompreensíveis. E, por não sabermos olhar com fé nem descobrir quantas coisas insolitamente boas nos acontecem durante o dia, por Deus estar ao nosso lado, muitas vezes chegamos à noite a pensar que vivemos apenas um dia anódino, normal, intranscendente, quase sem Deus, e por isso sem entusiasmo.

Mas Deus continua a fazer milagres. Os mesmos que realizava no tempo de Jesus. E temos que nos acostumar a descobri-los. Habituar os nossos olhos a eles. Então, sim, aparecerão deslumbrantes, majestosos, marcantes — e mudarão a nossa vida. Tal como transformaram a vida dos apóstolos, que, no fundo, viam o mesmo que nós.

Tradução / LOPES MORGADO

“Para as pessoas do tempo do Jesus, um milagre era um facto assombroso, surpreendente, que deixava toda a gente maravilhada, mas diante do qual não se perguntavam se tinha explicação ou não. Bastava-lhes que fosse pouco frequente, para que a sua fé lhes dissesse que se tratava de um “sinal” da presença de Deus”.



## Os dons de Deus

CARDEAL D. EUSÉBIO OSCAR SCHEID

**R**efletir sobre os dons de Deus pode trazer-nos muita inspiração, de modo especial para a nossa oração, este contacto de diálogo com o Pai, pelo Cristo Jesus, no Espírito.

Reportemo-nos a uma cena que nos é muito conhecida, narrada pelo Evangelista São João, no capítulo 4: o diálogo de Jesus com a Samaritana. Jesus está sentado à beira do poço de Jacob, célebre na história de Israel. Lá Ele encontra uma pessoa, cujo nome não conhecemos, mas que, doravante, será identificada pela sua terra de origem: a Samaria. Dirigindo-se a ela, Jesus pede: “Dá-me de beber”. De que sede Jesus estava acometido? Evidentemente, não era só a sede física. Ele tinha sede de lhe falar ao coração, para mudar-lhe a vida e, através daquela mulher, fazer com que o Evangelho penetrasse, mais difusamente, na Samaria.

Os Apóstolos tinham saído a fim de comprar provisões. Jesus está sentado. A sua postura significa que não tem pressa; pelo contrário, coloca-se disponível para um diálogo profundo e renovador, que Ele inicia com o pedido: “Dá-me de beber”. Jesus sabe que a Samaritana tem condições de atendê-lo, pois vai recolher água do fundo do poço e encher o cântaro que, provavelmente, levará sobre a cabeça, conforme o costume.

Ela, porém, estranha: “Sendo tu judeu, como pedes de beber a mim, que sou samaritana!” (A frase resume o desprezo mútuo entre os dois povos). Jesus, então, começa a aprofundar a conversa: “Se conhecesses o dom de Deus, e quem é Aquele que te diz: “Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e Ele te daria uma água viva”.

“*Se conhecesses o dom de Deus*”... Este é o primeiro ponto a destacar. Os dons de Deus são, a princípio, de ordem natural, a



começar pelas nossas riquezas pessoais. Portanto, conhecer o dom de Deus é uma atitude que começa por assumir as qualidades que Ele nos concedeu. E todos as temos, embora de diferentes maneiras. A Samaritana, certamente, possuía a riqueza feminina da sensibilidade, do raciocínio intuitivo, do amor atuante no cuidado doméstico.

Os dons de Deus manifestam-se, também, na própria criação, que está ao nosso dispor, simbolizada pela água que a Samaritana viera buscar. Deus continua agindo no sustento dessa obra, na conservação da vida e da ordem universal. De facto, contemplando tudo o que está à nossa disposição, há os que se limitam a reconhecer a dimensão da ordem natural. Mas o dom de Deus vai mais além, atingindo o mais profundo do ser de cada um de nós. Ao convidar a Samaritana a experimentá-lo, Jesus desejava que ela acolhesse o pleno significado daquela água na sua vida.

Ele continua: *“E se conhecesses Aquele que te fala e te pede água”*... Aqui Jesus já começa, passo-a-passo, sua própria revelação. Muito mais do que um profeta, ou um Messias meramente humano, Ele é o enviado do Pai: *“Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho único”* (Jo 3,16). Eis o significado da Encarnação para a história humana e para a história da salvação. Ao chegar o sacrifício extremo do Filho, São Paulo diz: *“Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com Ele todas as coisas”* (Rm 8,32). *“Ele nos amou primeiro”*, diz São João (1Jo 4,19). Não foi nossa a iniciativa. Ele nos amou primeiro, e com amor infinito, um amor que quer associar-nos à sua felicidade eterna, quando chegar o termo da nossa caminhada terrestre. Ninguém conseguiria amar a Deus se Ele, primeiramente, não tivesse vindo a nós, dando-nos a possibilidade de retribuir esse amor. Aliás, nós nem conseguiríamos falar com Deus, se Ele não nos capacitasse para isso. Adentramos, assim, o mundo sobrenatural da fé e da esperança: *“Se conhecesses quem é que te diz: “Dá-me de beber, certamente lhe pedirias tu mesma e Ele te daria uma água viva”*.

O maior problema do homem é que ele não consegue saciar a sua sede do Infinito, tornando-se peregrino para a eternidade: *“Não*



*temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir”* (Hb 13,14). Somente o próprio Autor da vida é que pode desalterar essa sede, pois nada há no mundo criado capaz de preencher a nossa ânsia de amor verdadeiro: *“Amo-te com eterno amor, e por isso a ti estendi o meu favor”* (Jr 31,3). Para isso, em primeiro lugar, é necessário conhecer melhor a Deus. *“Se conhecesses Aquele que te fala”*... Nós conhecemos Deus muito mal. Quando éramos pequenos, alguns de nós ouviram falar dele sob uma forma incompleta ou, até, deturpada. Fica-se com a ideia de um “Pai do céu bonacheirão”, encarregado da indigna tarefa de atender os nossos pedidos. Outros o veem com um banqueiro, isto é, Aquele que distribui as riquezas, porém segundo a nossa própria vontade e imaginação... Outros, ainda, esperam um taumaturgo, curandeiro, que os impeça de sofrer, definitivamente. É evidente que Jesus anunciou-nos o Reino, no qual não mais haverá doença nem morte, pois Deus irá curar tudo. Mas não é nisso que se concentra o amor de Deus. Ele é a Caridade infinita. E há que experimentar essa Caridade, que se pode desdobrar, inclusive, numa possível cura, que Deus venha a conceder-nos.

Mas o pior é considerar Deus como um juiz, cuja aplicação sumária da lei se configura em julgamento cruel. E aí ficamos com medo dele, como se fosse um vingador. São João, porém, diz: *“No amor não há temor. Antes, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor envolve castigo, e quem teme não é perfeito no amor”* (1Jo 4,18). Deus amou-nos primeiro em Cristo, e se revelou a nós, para que tenhamos condições de amá-lo como Ele merece. Mas para se chegar a reconhecer esse Deus próximo e dialogante, que nos convida à intimidade com Ele, vai uma distância muito grande. Daí a necessidade de uma autêntica e proporcional educação catequética.

Sempre podemos, e devemos, pedir, embora Deus já saiba do que nós precisamos e, *“pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos”* (Ef 3,20). Isto é uma grande verdade. Por isso, São Tiago sentencia: *“Não obtendes, porque não pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, com o fim de satisfazerdes as vossas paixões”* (Tg 4,3). Jesus, na



última noite que passou com seus Apóstolos, disse-lhes: “*Até agora não pedistes nada em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita*” (Jo 16,24).

“*Se conhecesses Aquele que te pede água... Ele te daria a água da vida eterna*”... Essa água pode ser o próprio amor de Deus, o Pão da Eucaristia e o Pão da Palavra; pode ser a graça da oração e do perdão, que Ele nos concede e que devemos devolver aos nossos irmãos que, porventura, nos tenham ofendido. Como seria bom se todos conheçêssemos os dons de Deus! Ele nos cobriria com a plenitude daquilo que somos capazes de receber, se o deixarmos agir em nós.

**NOVO NÚMERO**  
**DE TELEFONE:**

**218 860 921**

**MORADA PARA envio de**  
**CORRESPONDÊNCIA:**

**Causa de Canonização do Padre Cruz**

**Apartado 2661**

**1117-001 LISBOA**



## Mensagens de Natal

O simbolismo do Natal é inesgotável. Podemos meditar, por exemplo, no ponto do ano em que ele foi colocado. Historicamente, o cristianismo pertence ao hemisfério norte. Ali, a festa de Natal coincide com o que era, nos velhos tempos, o solstício de inverno, o ponto de maior escuridão, teoricamente o dia mais frio, a partir do qual começam a voltar a luz e o calor.

Outro simbolismo é o da pobreza, do despojamento. O Menino nasce num estábulo, numa manjedoura, e mal tem com que se cobrir. Mas é nessa pobreza absoluta que somos visitados pelo espírito do Alto; e é nesse contexto que a maior riqueza se manifesta.

Isso pode ser aplicado aos mais diversos momentos de nossas vidas. Há momentos em que nos sentimos intrinsecamente pobres, vazios, sozinhos. Por exemplo, quando perdemos um ente querido. A solidão que assim se estabelece é uma situação de pobreza enorme. Perdemos um afeto, uma companheira, um filho, um pai. Nos sentimos pobres, abandonados. A tentação muito humana, nessas horas, é sair correndo em todas as direções, fazendo barulho ou procurando barulho.

É, um pouco, a situação geral da nossa vida. Pascal chegou a dizer que o grande problema do ser humano é essa busca do “divertimento” a qualquer custo.

Mas se, em vez disso, aceitamos realmente a situação de pobreza material ou existencial, uma porta se abre para as grandes revelações. A primeira delas, a de que a vida, em qualquer circunstância, esconde tesouros infinitos, que estão à nossa disposição, contanto que saibamos achar o caminho para eles. Uma outra, ainda mais importante, é de que esses tesouros não são uma coisa estática: significam, em vez disso, uma Presença, uma força inacreditável, uma suavidade extraordinária.

Enquanto nos estamos distraíndo, passamos ao largo de todas essas possibilidades. Mas se aceitarmos a nossa pobreza existencial, se temos a paciência necessária para esperar no lugar onde estamos, com os pouquíssimos recursos de que dispomos, colocamo-nos na condição daquele silêncio significativo que precede as revelações.





## TESTEMUNHOS

### O Decoro litúrgico do Padre Cruz

*Transcrição dum livro «A Catedral», do falecido escritor Manuel Ribeiro:*

**O** que é preciso é descermos ao povo, é sanearmos as sociedades com o Evangelho no coração. Façamos da Igreja um foco de amor e de caridade. Exaltemos na fé. Imitemos o Padre e a Igreja será salva. Sim, imitemos o Padre Cruz!

E à invocação deste nome, que se pulverizou em rocios brancos de pureza e de santidade, todos se curvaram, como se pressentissem no ar, sobre as cabeças, um frémito de divindade.



O Padre Cruz era, de facto, uma extraordinária figura eclesiástica, que se popularizara em Lisboa. Um autêntico santo, desgarrado do século. Sempre de hábitos talares, tanto quanto lho permitiam, alto, esguio, dorso arqueado das prostrações demoradas, a face ascética das vigílias e jejuns, absorto o olhar em cândida beatitude, Padre Cruz sugeria logo, na compostura, S. Francisco de Assis das pias imagens, com quem, aliás, se não assemelhava menos na estrutura moral. Dedicado a um labor apostólico, de que fizera o móbil da sua vida, o incansável padre batia a cidade, calcorreava os bairros pobres, visitava os asilos, os manicómios, os hospitais e as cadeias, onde a sua bolsa vertia sempre algum óbulo e o coração a palavra de amor, que confortava. Era aos piores lugares que o Padre Cruz se comprazia em descer. Tinha especial predilecção pelos direitos humanos. As masmorras do Limoeiro conheciam-no bem. Passava dias inteiros no antro sinistro, onde fermentam, em promiscuidades de cloaca, as repugnantes dejeccões do crime. Padre Cruz arrostando ali a bestialidade larvada, a criminalidade com tara, o desvairamento impulsivo, o vício abjecto e sórdido, a dolorosa perversidade núbil, já roída de cepticismo, e quantas almas ele não topava susceptíveis de cura, se a sociedade tão mal organizada lhes não faltasse com a assistência moral!

Padre Cruz não lia jornais, nem falava em política; ignorava os regimes e os governos; sabia apenas que havia pobres, miseráveis desvalidos, bocas à minguia de pão, almas repletas de dores. Uma singular clientela feminina reclamava a clínica deste padre. Eram criaturas humildes, desmeduladas de ambições, frutos sorvados de vida, abortos, lixos humanos. Eram ex-religiosas esquivas, errando no século como morcegos; viúvas lúgubres, meio dementes, pendendo no misticismo; esposas tímidas, sofredoras, curtindo a mágoa dos abandonos e das infidelidades; senilidades decrépitas; misantropias taciturnas; naufrágios trágicos; gente batida, escorraçada, lançada na rua, que só encontrava refúgio na casa de Deus, e que esse Padre acolhia compadecido, com enternecimentos de pai.





As pequenas igrejas, os santuários modestos e pobres, é que o virtuoso sacerdote mais frequentava, de preferência às grandes paróquias abastadas. Lausperenes, terços, novenas e rosários, ingénuas devoções tocadas de simplicidade, assistidas apenas de gente mesquinha, formavam o decoro litúrgico do Padre Cruz. Homílias chãs, familiares, sem ressaibos de retórica, em linguagem desataviada, terra-a-terra, que ia direita aos corações. Suas prédicas faziam bem. Os torturados, os que sofriam e desejavam alívio, punham-lhe logo a alma aos pés, mal o ouviam, porque ninguém entendia melhor, do que ele, íntimos males discretos, nem havia quem o excedesse na arte de suavizar mágoas e pôr pensos numa ferida. Não constava, por isso, de confessorário tão concorrido como o seu. Porque este Padre não era, de facto, simples receptáculo de culpas e não irrigava mecanicamente o mildio das almas com as fórmulas sacramentais do ministério; tampouco despedia logo o penitente depois de lhe sacudir, à pressa, a poeira das culpas com dois piparotes na consciência. Padre Cruz ouvia com atenção, inquiria paternalmente, e quando de certas premissas antevia coisa grave, auxiliava, ia adiante das palavras, desenraizava o pecado. Não era só nas igrejas que se procurava o Padre Cruz. Recebia cartas anónimas, apelos de gente desconhecida. Abordavam-no em plena rua; forçavam-lhe até o domicílio. Alvo de mil solicitações, via-se a braços para acudir a tanto encargo. Mas o santo por todos pedia, por todos rezava.

### **ALPEDRINHA no caminho do Padre Cruz**

Há muito que andava com o desejo de fazer um texto sobre o Santo Padre Cruz — Padre Francisco Rodrigues da Cruz, que nasceu em 29/7/1859, na Vila de Alcochete, no Distrito de Setúbal. Esta vontade está alicerçada nas muitas conversas que os meus saudosos Pais Bismulenses — José Maria Fernandes Monteiro e Maria da Piedade Alves Lavajo — entabulavam sobre a vida deste Homem e Padre, que conheceram nas décadas de sessenta do século passado, e a quem



se confessaram, tendo por ele uma devoção muito especial. A minha Mãe tinha na sua mesinha de cabeceira uma pequena imagem do Santo Padre Cruz, pedindo-lhe a sua protecção, inclusive para o seu Clube, o Clube da nossa família — O Vitória de Setúbal. Infelizmente, nem sempre o Padre Cruz ouviu as suas orações, mas a minha Mãe explicava-me que a culpa era dos jogadores, que em frente ao guarda-redes e sozinhos falhavam os golos escandalosamente. E tinha muita razão...

Fez os estudos secundários em Lisboa e o Curso de Teologia na Universidade de Coimbra. Aos vinte e três anos foi ordenado sacerdote. Torna-se director do Colégio dos Oramos de Braga, Director Espiritual de S. Vicente de Fora e Professor de Filosofia no Seminário de Santarém, que por motivos de saúde teve de abandonar. Em Dezembro de 1940 entrou na Companhia de Jesus e em 1942 visitou a Madeira e os Açores.

Um dia fui cortar o cabelo no Fundão, dando conhecimento ao barbeiro da minha intenção de escrever sobre o Padre Cruz. Este olhou para mim, fixou-me e disse-me: «eu ajudei muitas vezes na missa em Alpedrinha o Santo Padre Cruz, que visitava regularmente a nossa histórica Vila». Joaquim Mendes Caldeira, Barbeiro há mais de cinquenta anos, na Praça do Município do Fundão e o seu conterrâneo Doutor António Ribeiro, ex-Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha, foram acólitos e seus acompanhantes.

Devo a estes dois senhores as pistas que me deram para basear todo este texto, pois viveram de perto todas estas vicissitudes, o que lhes confere uma importante credibilidade. Seria bom o poder local dar maior visibilidade a estes factos, com uma maior investigação, e gravar o seu nome na toponímia de Alpedrinha, ou outro gesto que perpetue a sua memória.

O Padre Cruz tinha em Alpedrinha um grande amigo, Alexandre Inácio, notário em Benavente.

Chegava a Alpedrinha através da via ferroviária e subia a pé com o breviário, o terço, uma malinha, vestido com a sotaina e o seu chapéu, numa modéstia total.



Celebrava a Eucaristia na Igreja Matriz, no altar lateral de Nossa Senhora de Fátima, sempre com a presença da população de Alpedrinha. Muitas vezes visitava os doentes do Hospital da Misericórdia de Alpedrinha sob a orientação das Irmãs Hospitaleiras Franciscanas, hoje o Lar da Terceira Idade.

Estes dois acólitos muitas vezes o acompanharam à Estação de Caminho de Ferro de Alpedrinha. Numa das vindas, o Santo Padre Cruz demorou mais tempo que o previsto com os «seus doentes», como ele costumava dizer e o horário do comboio já lá ia. Todos estavam preocupados, mas o Padre Cruz sossegou-os: «o comboio não sai da estação de Alpedrinha sem eu chegar». Conseguiu-se que o único automóvel de Alpedrinha fosse colocado à sua disposição e lá partiram. A verdade é que o comboio lá estava parado, sem se saber as razões de

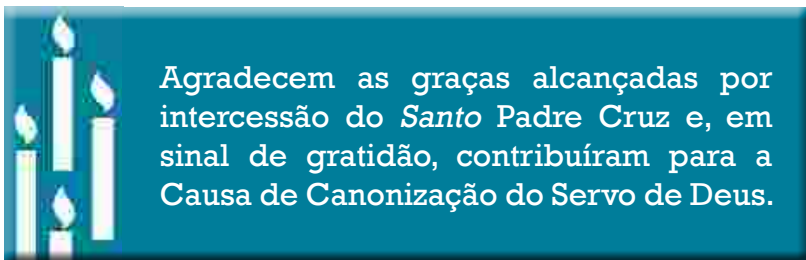
facto, com grande descontentamento geral e sem explicação, e só começou a sua marcha a caminho de Lisboa, quando o Padre Cruz subiu para uma carruagem, sendo saudado por todos os passageiros que o reconheceram e admiraram a sua santidade. Todos diziam que tinha sido um milagre.

Todos nós sabemos que este sacerdote se dedicou totalmente a visitar doentes, reclusos, pessoas marginalizadas e carenciadas. Hoje fala-se muito na caridade e talvez se pratique pouco. Este simples, humilde e pobre Padre, é uma referência moral e cristã, sobretudo para todos aqueles que têm responsabilidades litúrgicas e não só... Este grande discípulo do Santo Cura de Ars, conduziu a sua missão ímpar, ultrapassando todas as fronteiras e colocando o homem no centro do mundo.

Infelizmente muitas vezes me desloco ao Cemitério de Benfica em Lisboa para me despedir de familiares e amigos. Nunca deixo de rezar junto ao seu mausoléu, onde há sempre pessoas a perpetuar a sua memória. É possível que qualquer dia o festejemos nos altares, porque a vida das pessoas já o santificou.

*António Alves Fernandes — Aldeia de Joanes*





Venho mais uma vez agradecer ao meu *santinho* a graça que recebi. Ao meu filho Vitor apareceu um sinal no braço que lhe doía. Com fé pedi ao meu *santinho* e comecei uma novena para que não fosse nada maligno. Ele foi ao médico que com urgência e no próprio dia da consulta lhe fez uma pequena cirurgia para retirar o sinal. Quando foi retirar os pontos já lá estava o resultado da biopsia e deu negativo. Agradeço ao meu *santinho*.

*Celeste Marinho (Quinta do Conde);*

Agradeço muitas graças recebidas por intermédio do Padre Cruz a quem recorro todos os dias.

O Padre Cruz é o meu companheiro em todas as minhas doenças e aflições e aqui estou a agradecer por me ajudar na minha doença, um AVC que afetou o lado esquerdo. Graças a Deus que ainda fiquei a andar, e tenho recuperado bem, por isso agradeço a Deus e ao meu *santinho* Padre Cruz.

*Maria da Conceição Cruz (Viana do Castelo);*

Agradeço ao Padre Cruz por tudo, pois nas horas mais difíceis e a todas as horas está sempre do meu lado.

Muito obrigada meu querido *Santo* Padre Cruz.

*Rosa Salgueiro Pinto (Castro Daire);*

Venho agradecer ao *Santinho* Padre Cruz todas as graças recebidas, pela sua intercessão junto de Deus e Nossa Senhora.



Tenho uma filha com 40 anos que desde que terminou o liceu nunca esteve sem trabalho e continua na empresa a trabalhar, mantendo o mesmo ordenado.

E tenho um filho com 42 anos que esteve algum tempo no desemprego, mas também já está a trabalhar, embora não seja na sua profissão, mas trabalha, graças a Deus e ao *santinho* Padre Cruz.

Obrigada Padre Cruz, também pela ajuda nos meus problemas de saúde, pois tem-me dado esta coragem. Há 8 anos que sou doente oncológica, já fiz duas operações, mas tenho sido corajosa, segundo me dizem, uma heroína, sempre bem disposta apesar da grave doença.

Obrigada meu querido *Santo* Padre Cruz.

*Maria Esmeralda Ferreira Brito (Sintra);*

Venho agradecer a Deus as graças alcançadas, obtidas através do seu discípulo, Padre Francisco da Cruz. Eu oro sempre ao Padre Cruz que já está nos céus, para que interceda junto de Deus e de Maria Nossa Senhora pelos meus filhos, noras e netos, pelo meu marido e por mim e Deus tem-nos ajudado a todos a resolver os nossos problemas no caminho do trabalho e no caminho do bem.

Peço a continuação do Padre Cruz na nossa vida e nosso lar. Obrigada.

*Maria do Carmo Pereira Macedo (Barreiro);*

Por Deus com os seus 95 anos, agora ela [a minha mãe] encontra-se bem e autónoma e cremos que as graças obtidas por intermédio das suas orações ao *santo* Padre Cruz têm contribuído para as suas melhoras. Em fevereiro deste ano foi vitimada por um AVC que graças a Deus não teve consequências graves, no entanto, ficou afetada a visão periférica temos de ter muito cuidado para que não ocorra nenhuma queda.

Agradecemos profundamente reconhecidos todas as graças que o *santo* Padre Cruz se dignou conceder-lhe e continuamos a rezar pelas melhoras de todos os doentes.

*José Miguel Figueiredo Oliveira (Belas);*



Agradeço ao *Santo Padre Cruz* uma graça, pois pedi com muita fé pelo meu filho, que estava doente.

*Maria Andrade (Elizabeth, EUA);*

É com muita alegria que mais uma vez venho por este meio agradecer ao meu bom amigo, *Santo Padre Cruz* as graças que passo a expor.

Fiz uma operação que se considerava de alto risco. Com muita fé, recorri ao meu bom amigo de todas as horas e tudo correu muito bem.

Igualmente lhe agradeço a transição do meu neto para o 3º ano da faculdade, o que aconteceu com as melhores notas da turma.

Estou também muito reconhecida pelas melhoras do meu neto que apenas com 8 anos incompletos e com doença asmática, transitou para o 3º ano e de tal modo, que se encontra no quadro de honra da escola pública que frequenta.

Todas estas graças são obra do meu querido e amado *Santo Padre Cruz*. Bem haja meu bom amigo.

*Maria da Conceição Ribeiro Freire (Vide);*

Agradeço muito as graças concedidas pelo Padre Cruz e que ele continue a proteger-nos em tudo.

*Alice Maria Fernandes (Oeiras);*

Venho agradecer toda as graças recebidas através do Padre Cruz, sendo a maior graça que recebi, tendo eu sido operada ao segundo peito, não foi preciso fazer tratamentos, que era o que mais me preocupava e tudo correu bem, graças ao meu *santinho* Padre Cruz.

Ao meu bom amigo, o meu muito obrigada.

*Maria Fernanda Fernandes (Braga);*

O meu filho, Rui Jorge dos Santos Garcia foi pai de um menino. São felizes – o meu filho e a mãe e venho por esta maneira simples agradecer uma coisa grandiosa – é que sou avó. Agradeço por o



meu filho estar curado, graças ao *Santo* Padre Cruz, que junto de Deus intercedeu e o curou, apesar de ter que tomar uma pequenina medicação diária.

*Maria Aline Ramos dos Santos (Porto);*

Fui operada a um joelho em novembro passado. Estava a correr bem, mas de repente começou a doer-me. Visitei o operador e segundo uma radiografia, a prótese tinha descolado, o que me levaria a nova intervenção. Foi-me marcado novo exame, mas este mais complicado e conclusivo. Pedi e pedi muito ao *Santo* Padre Cruz que tal não viesse a acontecer e parece que fui ouvida, embora a consulta seja para breve - não falei ainda com o meu médico, o que será na próxima segunda-feira. Foi o médico que fez o exame que me disse que nada via de grave.

Portanto, agradeço do fundo de todo o coração e alma ao meu *Santinho* Padre Cruz.

*Arlette Pinheiro Alves Teixeira (Braga);*

Agradeço ao Padre Cruz as graças que aqui explico. Há muitos anos, estava com muitas dificuldades na vida, o meu marido ganhava muito pouco, tínhamos duas filhas pequeninas, era só o meu marido a ganhar, por isso, eu precisava de arranjar trabalho e não conseguia.

Um dia falei com uma amiga, que me falou no *Santo* Padre Cruz e disse-me para lhe pedir com muita devoção. Foi o que fiz e passado algum tempo tive trabalho, onde permaneci durante 34 anos. A cuidar de velhinhos no Lar de Terceira Idade de Valongo.

Já há muitos anos que vou a Lisboa, ao Jazigo onde está o Padre Cruz agradecer-lhe esta grande graça.

Agora venho outra vez agradecer-lhe outra.

Tinha a minha filha mais nova acabado o curso de Psicologia e não conseguia trabalho. Recorri novamente ao *Santo* Padre Cruz que ouviu novamente as minhas preces.

Nunca me esquecerei do meu *Santo* Padre Cruz.

*Fátima Cunha (Valongo).*





*DERAM ESMOLA*

*e*

*AGRADECEM GRAÇAS*

Maria Leonor Gomes (Lisboa); Paula Brito Serodio (Porto); Isaura Carralo Abrantes (Campo Júlio Maria Vieira Queirós Maior); Rosa Salgueiro Pinto (Porto); Cândido Magalhães (Castro Marim); Raul Monteiro (Cabeceiras de Basto); Linda (Paredes); Maria Nazaré Cruz Rosa Nunes Rocha Couto (Belém-Pará, Brasil); Maria Céu (Penafiel); Maria Cidalina Pinto (Gouveia); Maria Alice Santos (Águeda); Maria Leonor (Coimbra); Aria Margarida Seixas (Moncorvo); Casimiro (Ermesinde); Maria Teresa Oliveira Pinto Moreira Esmeralda Ferreira Brito Lopes (Espinho); Conceição (Sintra); Carlos D.; Maria Cruz (Hartford, EUA); Ivone de Almeida (Vila Nova Luisa Simão (Hartford, de Gaia); Mimosa Odete Pica (Valbom); Vera Lúcia (Nelas); Domingos Assunção e Fernando José Timóteo (Sinais); Aida Francisco (Lisboa); Maria Pedroso Gandarela (Guimarães); Dorinda Pereira (Madalena, Açores); Rosa (Valongo); Eva Santos Bento (Esmoriz); Aida Leonor (Petaluma, EUA); Gabriela Silva Gaspar (Coz); Maria da Silva Faria (Carapinheira);





Maria da Conceição Ribeiro Oliveira (Sassoeiros); Ma-  
 Freire (Vide); Maria Odete rosa Pires Guilherme (Ama-  
 Ramos Santos Lopes (Alfa- dora); Maria Gabriela Caiano  
 relos); Antónia Maria Azeitão (Porto); Alberto Ricardo (San-  
 Gomes (Camarate); Clementina to Isidoro); Ester Tourais Fer-  
 Tavares Silva Fontes (Lever); nandes (Vilar Formoso); Maria  
 Mariana Ferreira (Estarreja); Alzira da Costa Moutinho  
 António José da Silva Maga- (Maia); Delmira P. Miranda  
 lhães (Moita); Rosa de Figuei- (Lisboa); Maria Inês Matos  
 redo Oliveira e família (Belas); (Barcelos); Maria Helena Costa  
 Manuel Duarte Lopes Moedas (Braga); Alexandrina Marques  
 (Ribeirão); Celeste Maria de Sousa, Maria Junilia Rui-  
 sus Santos e Maria Liliana Jesus vinho, Conceição Santos Mi-  
 Salgado (Palmela); An-gelina lhazes, Laurinda Rosa Nunes  
 Dias (Ourique); Maria Aline São Roque, Fernanda Ma-  
 Ramos dos Santos Gar-ria Nunes Cacheira, Maria  
 cia (Porto); Silvina Correia (Lis- de Jesus Cacheira, Cândida  
 boa); Arlette Pinheiro Alves Marques Pereira, Conceição  
 Teixeira (Braga); Carlos Neves Amorim, Maria Eduarda Mar-  
 (Meda); Maria Alice Remédios; tins, Cacilda Fonseca Neto e  
 Felismina Silva (Amadora); Conceição Margarida Pereira  
 Antonieta Avelar (Ontário, Catarina (Matosinhos); Maria  
 Canadá); Margarida G. Morgado Dores Marques Graça Machado  
 (Etobicoke, Canadá); Fátima e Carla Maria Gomes Vieira  
 Cunha (Valongo); Anabela (Senhora da Hora); Alice  
 Monteiro Oliveira e família Jacome (Matosinhos); Ma-  
 (Sintra); Maria do Carmo ria Emília Cabral e Noémia  
 Pereira Macedo (Barreiro); (Lisboa); Margarida Derouen  
 Luís Mendonça da Silva (Buraca); (Cocoa, EUA); José Pamplona  
 Paulo Matos (Lisboa); Maria (Crescent City, EUA); Maria  
 Fernanda Peixoto Fernandes Conceição de Ponte (Câmara  
 (Braga); Maria Luisa Magro de de Lobos, Madeira); Ermelinda



Ribeiro (Porto); Maria V. (Ermesinde); Maria Nazaré Cruz (Belém-Pará, Brasil); Maria Da Silva (Stoughton, EUA); Rosa Bravo (Esmoriz); Maria Emília Arêzes Bessa (Porto); Manuela Ferreira Roque Sousa (Lisboa); João Fernando Duque (Marco de Canaveses); Maria Lurdes Anjos Diez Carvalho (Viseu); Joaquim Esteves Ferreira (Balugães); Humberto Raposo Ribeiro (São Mamede Infesta); Maria Alexandra Bettencourt B. Botelho (Porto); Maria Júlia Rodrigues Oliveira (Santarém); Ana Cristina Alves Parente Gonçalves (Matosinhos); Maria Augusta Nozolino Azevedo (Águeda); Linda Rosa Nunes Rocha da Silva Couto (Penafiel); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); Fernanda Maria Silva (Figueira da Foz); Albertina Garcia Borges Leal (Vila Nova de Gaia); Lucinda Catarino Oliveira (Vila Nova de Gaia); Maria Olga Santos (Lourinhã); José Carlos Silva Brito (Portimão); Belo Pais Ruas (Mafra); Jacinta Jesus Barros Lucas Machado (Covilhã); Maria de Fátima Ramos Correia (Barreiro); Maria Rijo Alexandre Ferreira (Paris, França); Maria Altina Carvalho Estrafalhoto (Sertã); Conceição Almeida (Amadora); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria do Céu Santiago Fonseca (Ferreira de Aves); Alice Oliveira Estrela (Sardoal); Arminda da Conceição Tomás Santos Martins (Viana do Castelo); Silva (Sintra); Júlio de Almeida e Maria de Lourdes C. M. P. Bastos (Lisboa); Sousa (Ílhavo); Francisco Loureiro (Lisboa); Maria Nazaré Roque Reis (Cartaxo); Maria Manuela Biscaia Ribeiro Silva (Cernache de Bonjardim); Anna Young (Cranston, EUA); Anna Maria Céu Pinto (Gouveia); Boyle (Kent, Grã-Bretanha); Maria Margarida Casimiro (Lisboa); Maria Angelina Tavares Gomes (Lisboa).



## Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

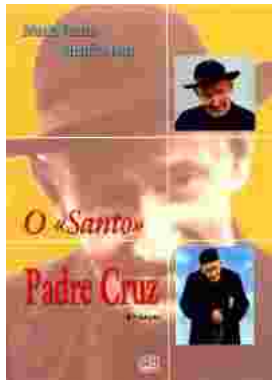
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

## DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

<b>Nascimento:</b>	29-7-1859	<b>Entrada na Companhia de Jesus:</b>	3-12-1940
<b>Estudos Secundários em Lisboa:</b>	1868-1875	<b>Madeira e Açores:</b>	1942
<b>Universidade de Coimbra:</b>	1875-1880	<b>Morte em Lisboa:</b>	1-10-1948
<b>Ordenação Sacerdotal:</b>	3-6-1882	<b>Processo de Beatificação em Lisboa:</b>	10-3-1951 a 26-6-1965
<b>Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:</b>	1886-1894	<b>Entregue à Santa Sé:</b>	17-9-1965
<b>Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:</b>	1896-1903	<b>Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:</b>	30-12-1971



## **O SANTO PADRE CRUZ**

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

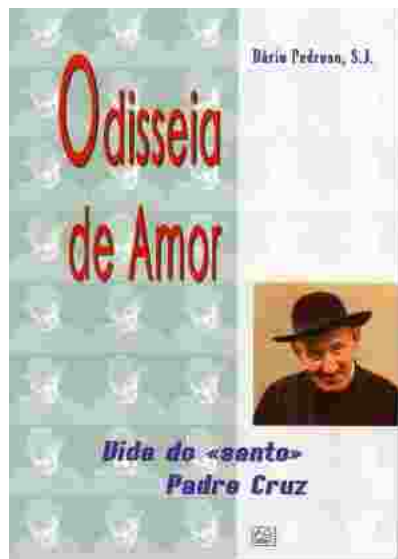
## **ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz**

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



## **GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL**

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus  
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.  
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C  
Apartado 2661  
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921  
Site: <http://www.padrecruz.org>  
e-mail: [causapadrecruz@padrecruz.org](mailto:causapadrecruz@padrecruz.org)

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares  
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.  
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.